

“Se nosso fado é sempre humilhante, que o enfrentemos com altivez, e se sofremos de falta de pátria, criemos uma pátria para nós mesmos.”



Cem anos sem Theodor Herzl

Por sua importância histórica e política, Theodor Herzl (1860-1904) vem sendo estudado em todo o mundo e, em sua morte, renovadas análises. O Museu Judaico do Rio de Janeiro vem se unindo às homenagens apresentadas de sua figura múltipla, também lembrada em eventos da Academia Brasileira de Letras, em 11 de julho de 2010.

Da Áustria para o mundo

*Werner Brandstetter**

Como Embaixador da Áustria no Brasil, tenho imensa satisfação de participar da conferência no Rio de Janeiro em memória ao centenário do falecimento de Theodor Herzl, ocorrido em 3 de julho de 1904 na romântica cidadezinha de Edlach, na Baixa Áustria. A satisfação é ainda maior porque este evento conta com a colaboração do Museu Judaico do Rio de Janeiro, do Consulado Geral da Áustria e das Embaixadas de Israel e da Áustria no Brasil.

O pensamento de Theodor Herzl foi o resultado da confluência entre a História e a cultura do povo judeu e a História e a cultura da Áustria. Ambos estão estreitamente ligados há muitos séculos, tanto em valores como em realizações culturais, mas também pelas inesquecíveis crueldades do Holocausto. A Áustria entrou no século XXI tendo plena consciência de sua História, tanto do lado bom quanto do lado sombrio.

É impossível pensar na cultura vienense sem a participação judaica. Justamente durante a vida de Theodor Herzl esta cultura, em conjunto, atingiu seu ponto alto em criatividade e despertou simultaneamente a vontade de fundar um Estado judeu. Com Theodor Herzl foi lançado por um judeu austríaco o fundamento teórico para a futura pátria dos judeus, Israel.

A República da Áustria sempre apoiou o direito de existência de Israel em limites seguros e reconhecidos e assume isso no presente. Com base em sua política externa de defesa dos direitos humanos, a Áustria vem se preocupando há décadas com os interesses humanitários dos judeus. Tanto que, para milhares de judeus procedentes da União Soviética, a Áustria foi a primeira ponte no caminho para a liberdade; e continua sendo para refugiados de outros países onde existe perseguição a judeus.

No âmbito de suas possibilidades, a Áustria envida todos os esforços para uma solução pacífica dos conflitos no Oriente Médio, uma vez que deseja contribuir para que os judeus possam viver em paz em seu país, como era a vontade de Theodor Herzl.

Quero agradecer a todos os participantes a realização deste evento na Academia Brasileira de Letras no Rio de Janeiro em memória a Theodor Herzl e espero que consigamos dar a nossa contribuição para as boas relações entre a Áustria e a comunidade judaica no Brasil, e também entre Israel e Áustria. ■

Do sonho à realidade

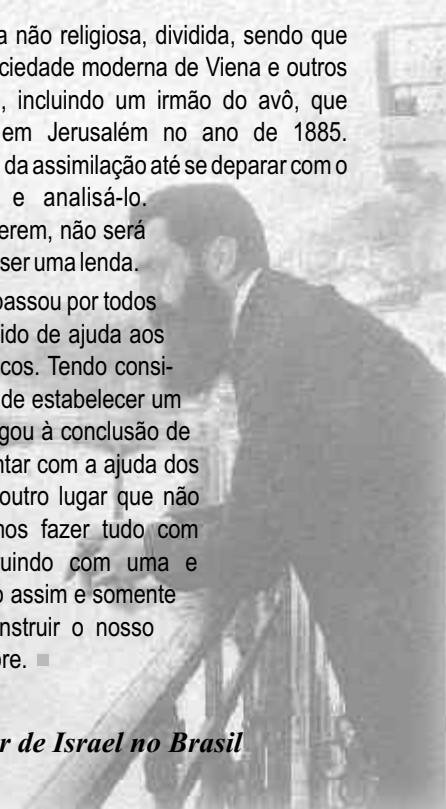
*Daniel Gazit**

Herzl é o fundador e o símbolo do sionismo moderno. O sionismo que desejou unir dois temas, o que naquela época era impensável – fazer de Israel uma nação como todas as demais e, ao mesmo tempo, separar Israel das demais nações, entre as quais vivia Israel. Hoje, 100 anos após Herzl haver falecido, isso parece a conclusão única e lógica de um processo histórico. Há 108 anos atrás, quando Herzl publicou seu livro, O Estado Judeu, foi um ato ilógico; como dizia a ele seu amigo, o Dr. Schif, Herzl precisava de um tratamento mental urgente.

O certo, até hoje, é que na História mundial falta muita lógica. O homem inspirado parece louco, como está escrito na Bíblia. Herzl foi o “louco”, que com lógica, analisou a situação macabra do povo judeu na Europa, frente a uma onda crescente de anti-semitismo na Europa Ocidental e de pogroms sanguinários na Europa Oriental. Ao afirmar que o anti-semitismo era uma enfermidade que mudava de cara mas não tinha cura, Herzl declarou que a única solução para essa enfermidade seria o estabelecimento de um Estado judeu na terra ancestral – em Israel.

Herzl cresceu numa família não religiosa, dividida, sendo que uns trataram de se adaptar à sociedade moderna de Viena e outros optaram por ser judeus plenos, incluindo um irmão do avô, que imigrou para Israel e morou em Jerusalém no ano de 1885. Herzl mesmo optou pelo caminho da assimilação até se deparar com o fenômeno do anti-semitismo e analisá-lo. O sonhador que dizia “se o quiserem, não será uma lenda”, passou ele mesmo a ser uma lenda.

Herzl, como o povo judeu, passou por todos os caminhos – assimilação, pedido de ajuda aos líderes mundiais e aos judeus ricos. Tendo considerado inclusive a possibilidade de estabelecer um Estado judeu fora de Israel, chegou à conclusão de que os judeus não poderiam contar com a ajuda dos outros e tampouco pensar em outro lugar que não Israel. Ele ensinou que devemos fazer tudo com nossas próprias mãos, construindo com uma e defendendo-nos com a outra. Só assim e somente em Eretz Israel poderemos construir o nosso Estado e o nosso povo para sempre. ■



O maior líder do povo judeu nos tempos modernos

*Zevi Ghivelder**



Herzl à sua mesa de trabalho em Viena, Haizingegasse, 29 (1900)

Salvo o período bíblico, nenhum outro judeu além de Theodor Herzl causou tamanho impacto sobre o seu povo, nenhum judeu contribuiu de forma tão efetiva e bem sucedida para mudar o curso histórico judaico que, cem anos atrás, parecia destinado a uma estagnação definitiva. Entretanto, Herzl sempre tem sido biografado de forma esquemática, sem um aprofundamento na essência de sua mente e de seu comportamento.

Theodor Herzl tinha uma personalidade profundamente complexa, um gigante na vida pública e um homem infeliz na vida pessoal. Húngaro de nascimento, alemão por cultura e austríaco por naturalização, era um típico intelectual vienense da segunda metade do século XIX, época em que Viena era a capital cultural da Europa, mais do que Paris. As biografias rotineiras apontam-no como um judeu totalmente assimilado, o que não é verdade. Embora tivesse crescido num ambiente secular, com mínimos contatos com a religião, sempre teve preocupações, sentimento e orgulho judaicos.

Acima de tudo, Theodor Herzl foi um excepcional estadista sem nunca ter chefiado um Estado e sem chegar a pertencer, sequer como simples cidadão, ao Estado que idealizou.

Entretanto, a vocação política de Herzl jamais se sobrepôs à sua extrema sensibilidade, constante visão poética e, até mesmo, uma certa ingenuidade. Se ele não possuísse essas virtudes é possível que não tivesse encontrado uma forma tão simples para solucionar uma questão tão complexa como a judaica. Ele deixou escrito um Diário que revela todo o caminho que percorreu, desde a condição de jornalista de reputação média e autor teatral aspirando à fama até tornar-se o maior líder do povo judeu nos tempos modernos. Descrito assim, parece ter sido um caminho longo. No entanto, desde a publicação de *O Estado Judeu*, em 1895, até sua morte, em 1904, foram apenas nove anos. Se contarmos desde o Primeiro Congresso Sionista, em 1897, foram apenas sete anos. Jamais, na história da humanidade, alguém alcançou tanto em tão pouco tempo.

Descendente de Jeanette e Jakob, casal de classe média alta, Theodor (Benyamin Zeev) Herzl nasceu em Budapeste, Hungria, no dia 2 de maio de 1860. Em 1878, a família Herzl mudou-se para Viena, onde passou a morar num belo apartamento no terceiro andar do número 25 da Praterstasse. Na mesma rua morava o judeu Arthur Schnitzler, que viria a ser um grande dramaturgo, dois anos mais velho do que Herzl.



Na esquina, residia um rapaz judeu de 22 anos de idade chamado Sigmund Freud e, algumas casas adiante, um jovem músico, também judeu, que atendia pelo nome de Gustav Mahler. Quando começou a estudar advocacia, já preocupado com questões referentes ao anti-semitismo, Herzl decidiu que sua vocação se voltava para as letras e não para o direito, dando os primeiros passos no jornalismo. Em 1885, foi nomeado funcionário da Corte Distrital da cidade e no ano seguinte conheceu Juliette Naschauer, filha de um industrial milionário, com quem viria a se casar.

Pouco depois, partiu para Paris como correspondente do jornal *Neue Freie Presse*. A essa altura, Herzl, que já tinha tido algumas de suas produções teatrais apresentadas em Viena, Praga e Berlim, começou a escrever uma peça chamada *O Novo Gueto*. Era, como ele dizia, o grande gueto

em que se encontravam os judeus da Europa, um novo gueto com muros invisíveis, porém tão sólidos que os judeus não conseguiam atravessá-los. Em 1894 começou a acompanhar o processo de inspiração anti-semita contra o capitão Dreyfus, cuja influência sobre o seu pensamento e comportamento foi superestimada ao longo dos anos. Nas reportagens que escreveu sobre o julgamento, ele nem citou a condição de judeu do militar francês acusado injustamente de espionagem a favor da Alemanha. Na verdade, o que mais preocupou Theodor Herzl naquela quadra dos acontecimentos foi a emergência de movimentos nacionalistas extremados em diversos países da Europa, movimentos que ameaçavam os judeus e que poderiam gerar perseguições e grandes levas de refugiados vindos da Europa Oriental.

Foi então que começou a germinar-lhe a idéia de uma solução territorial para o problema judaico. Pressentiu a decadência do império austro-húngaro que vinha sendo um refúgio tranquilo para mais de dois milhões de judeus. O agravamento da questão judaica correspondia ao reflexo de uma profunda crise que abalava a sociedade européia e que essa própria sociedade não sabia como resolver. Portanto, no seu entender, a questão judaica deveria ser resolvida fora do contexto da Europa. E mais: ser inserida no âmbito dos interesses das grandes potências da época.

Herzl hesitava entre as carreiras de jornalista e de dramaturgo. Queria saltar para a arena política, mas ignorava como. Viajou para a Inglaterra, onde trocou idéias com Max Nordau e Israel Zangwill. Regressou a Viena e concluiu um pequeno livro ao qual deu o título *O Estado*

Judeu: Tentativa de uma Solução Moderna para a Questão Judaica. Este livro foi um rastilho de pólvora que incendiou o mundo judaico. Conciso e objetivo, o texto propunha o estabelecimento de uma nação judaica, pormenorizando como este novo país poderia ser constituído. Por que, então, tamanho impacto? Porque Theodor Herzl retirou o problema judaico

da esfera paroquial e levou-o para a consciência judaica para a universal. Porque, até então, os judeus só falavam sobre o anti-semitismo em círculos fechados e, pela primeira vez, alguém o denunciava de forma ampla, geral e irrestrita. Em seguida, aconteceram os encontros de Herzl com estadistas da Europa e do Oriente Médio, sua viagem à antiga Palestina e a realização do Primeiro Congresso Sionista Mundial. Foram nove anos de apaixonada e febril dedicação ao ideal sionista. De tudo, permanecem atuais suas palavras no prefácio de *O Estado Judeu*.

“Estou profundamente convencido de que tenho razão. Ignoro se, no curso de minha vida, terei ganho de causa. Os primeiros homens que começaram este movimento talvez não cheguem a ver seu fim glorioso. Considero a minha tarefa concluída com a publicação desse escrito. Os judeus que quiserem, terão seu Estado e farão por merecê-lo”.

E quem pesquisar as duas mil páginas de seu Diário vai encontrar esta preciosa anotação, datada de 1895: “Ninguém pensou em olhar para a Terra Prometida onde ela realmente se encontra. E, no entanto, está tão perto. Eis onde ela se encontra: dentro de nós”. ■

* Zevi Ghive, jornalista e escritor



Fotos: Herzl com os filhos; local do Primeiro Congresso Sionista; os pais de Herzl; a esposa Juliette; Herzl aos 15 anos